

# SEGUNDO CADERNO

O GLOBO

ARTUR XEXÉO

Senado Federal

**O** comentário parecia insólito: — Olha o Salman Rushdie ali! Apesar do absurdo, olhei. E não é que era o Salman Rushdie mesmo? Entre uma barraquinha de churros recheados e um estande de livros esotéricos, Salman Rushdie em pessoa ali no Riocentro. E se você bobeasse poderia esbarrar em Scott Turow. Ou em Manoel de Barros. Ou em...

A Bienal do Livro é um momento muito particular no calendário cultural carioca. A cada dois anos, o escritor — este ser que trabalha isolado em escritórios domésticos, que frequenta noites de autógrafa pouco concorridas, que luta para sobreviver com o desprestigiado direito autoral brasileiro — é alçado à categoria de popstar. Quem visse os olhares que seguiam Luis Fernando Verissimo no último domingo no Riocentro teria uma amostra do que deve acontecer quando... humm... José Mayer resolve fazer compras no Norreshopping.

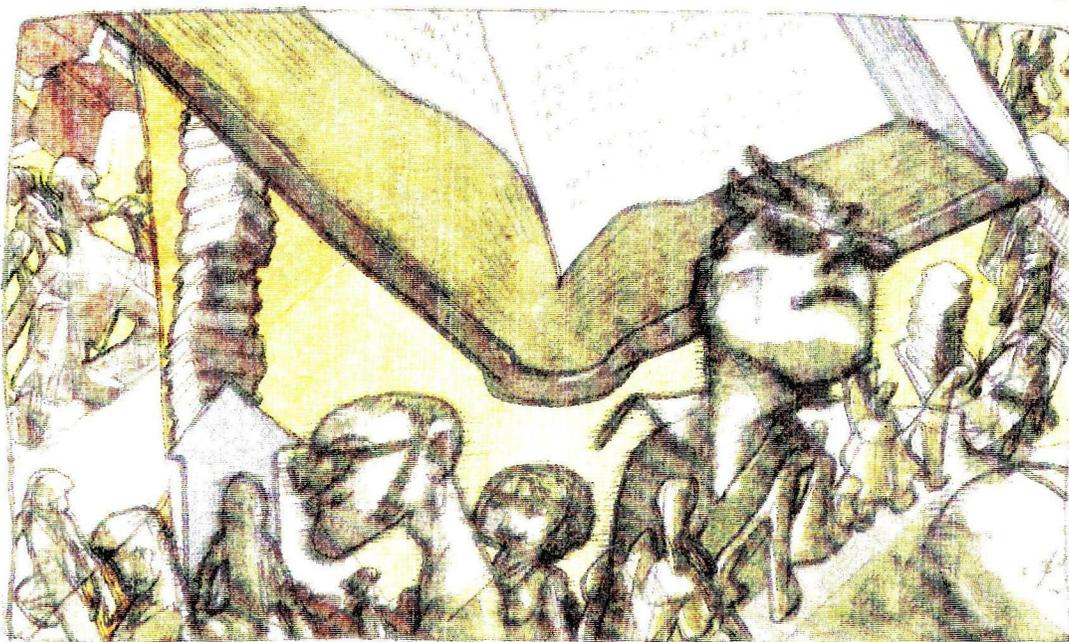
O que acontece no Café Literário — o espaço nobre da programação cultural da Bienal — é inacreditável. Ali, um rato de livros é capaz de ficar duas horas numa fila apenas para pegar uma senha que lhe garanta um assento num debate do qual faça parte Maitena ou Zélia Gattai ou Chico Caruso. E o entusiasmo com que cada escritor é recebido no palquinho do Café não é muito diferente daquele que acolhe um cantor do momento numa apresentação no Canecão. E olha que ninguém vai ali para cantar (se bem que, outro dia, Caetano Veloso deu uma canja e entoou, a capela, "Elegia" para uma platéia embevecida — mas apenas para... falar, debater, conversar, ler poesias, expor idéias. A cada dois anos, o Rio descobre que idéia também é pop.

■ ■ ■ ■ ■

Salman Rushdie é uma vedete, é verdade. Maitena corre o risco de ser eleita a Miss Simpatia desta bienal. Qualquer livro de Verissimo vende à beça. Scott Turow é tão estrela que chega ao Riocentro de helicóptero, mais ou menos como aconteceria com Xuxa se ela tentasse uma carreira literária. Mas ninguém faz mais sucesso nas bienais do livro do que

## A frase da semana: Olha o Salman Rushdie ali!

Duas ou três coisas sobre a Bienal do Livro e mais um ou outro comentário sobre a caspa e o xampu



Cruz

Ziraldo. Suas filas para autógrafos são sempre as maiores e, de longe, as mais animadas, juntando, pelo menos, três gerações.

■ ■ ■ ■ ■

Tudo bem, a atração principal da feira é o livro. Mas quem quiser percorrer com calma seus três pavilhões gasta tempo e, fatalmente, sentirá fome. Pois não há um só estande de comida que valha a pena. O pastel, o bolinho de bacalhau, o churro, a crepe, todo o tipo de alimentação à venda consegue uma proeza: ter o mesmo gosto. Pior: gosto de nada.

■ ■ ■ ■ ■

O sucesso do Café Literário gerou filhotes. Já existe o Café Universitário, com programação meio misteriosa, aparentemente fechado para iniciados, mas que está sempre lotado. Tem também a Arena Jovem, com Cláudio Rodrigues de mestre-de-cerimônias e estrelas, como Deborah Colker, na berlinda.

■ ■ ■ ■ ■

Os estandes das grandes editoras são muito bonitos; os das grandes livrarias, também,

mas... nada que você não encontre na Saraiva ou na Livraria da Travessa mais próxima. Por isso é preciso descobrir aqueles que trazem livros que a gente só encontra mesmo a cada dois anos. No gênero, meu estande predileto é o da editora do Senado Federal. Ali a gente encontra obras raras como "Capítulos da História Colonial", de Capistrano de Abreu, ou "O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis", de Luis Edmundo. Sai de lá com um exemplar novinho de "O Rio de Janeiro como é", de C. Schlichthorst, da coleção O Brasil Visto por Estrangeiros. Feliz da vida.

■ ■ ■ ■ ■

Chega de Bienal e voltemos à fita-banana. "A verdade pode estar na caspa e não no xampu" é ou não é o verso mais inusitado da música popular brasileira? Há quem julgue que não. Que imbatível mesmo foi o produzido por Johnny Alf em "Eu e a brisa", garantindo que "talvez, quem sabe, o inesperado faça uma surpresa". Bem, a surpresa provocada pelo inesperado é mesmo um clássico e, a partir de hoje, o verso de Alf será considerado hors-concours.

Há quem se lembre de Carlinhos Brown em "Meia-lua inteira", gravada por Caetano Veloso, em que o ouvinte é apresentado ao "deradeiro rá-rá-rá". Mas, convenhamos, um concurso de verso inusitado com a participação de Carlinhos Brown... é covardia. Não tem pra mais ninguém. Carlinhos Brown passa a ser hors-concours também.

Enfim, um leitor recuperou os versos iniciais de "Coração de papel", o iê-iê-iê de Sérgio Reis, composto no tempo em que o cantor sertanejo ainda era da Jovem Guarda: "Se você pensa que meu coração é de papel. Não vá pensando, pois não é." É. Tem chances.

■ ■ ■ ■ ■

Tem gente pagando qualquer coisa para ler o que dona Rosângela Matheus escreveu no livro de presença da Sala Vip da Bienal do Livro. Os privilegiados que tiveram acesso a ele garantem que é uma peça literária digna de um Jabuti.